

agulha

> A peça

Agulha em osso com cerca de 12 centímetros de comprimento. Possui secção circular convergente em relação à ponta, com o diâmetro compreendido entre cerca de 0,5 a 0,2 centímetros.

Na cabeça observa-se um remate cónico e uma perfuração alongada, para passagem da linha, que se aproxima da figura de um oito.

A julgar pelos paralelos conhecidos, a utilização desta agulha ocorreu, provavelmente, entre os séculos I e IV d.C.

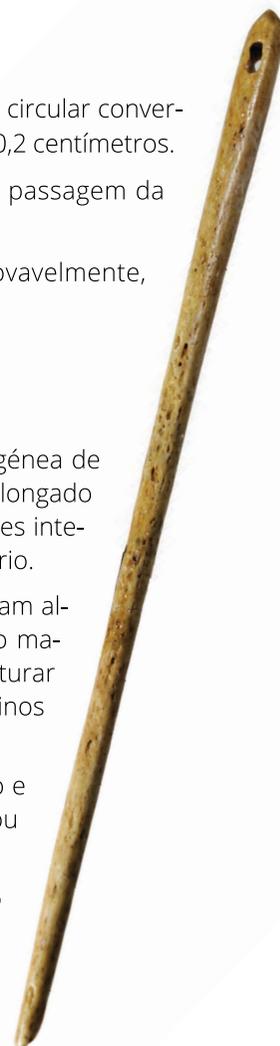
✓ O grupo

Sob a designação de *acus* encontramos em época romana uma série heterogénea de objetos que partilhavam duas características comuns: corpo mais ou menos alongado e ponta afiada. Os utensílios hoje em dia denominados por agulhas ou alfinetes integram este grupo e encontravam-se presentes nas várias províncias do Império.

Fabricado em diversos suportes como osso, marfim ou metal, as agulhas tinham alguma variedade morfológica resultante da função que desempenhavam e do material onde eram utilizadas. Coser roupa, peles ou redes de pesca, bordar, suturar feridas, prender / apertar vestuário ou até mesmo executar penteados femininos tratavam-se de tarefas que exigiam formatos e dimensões diferentes.

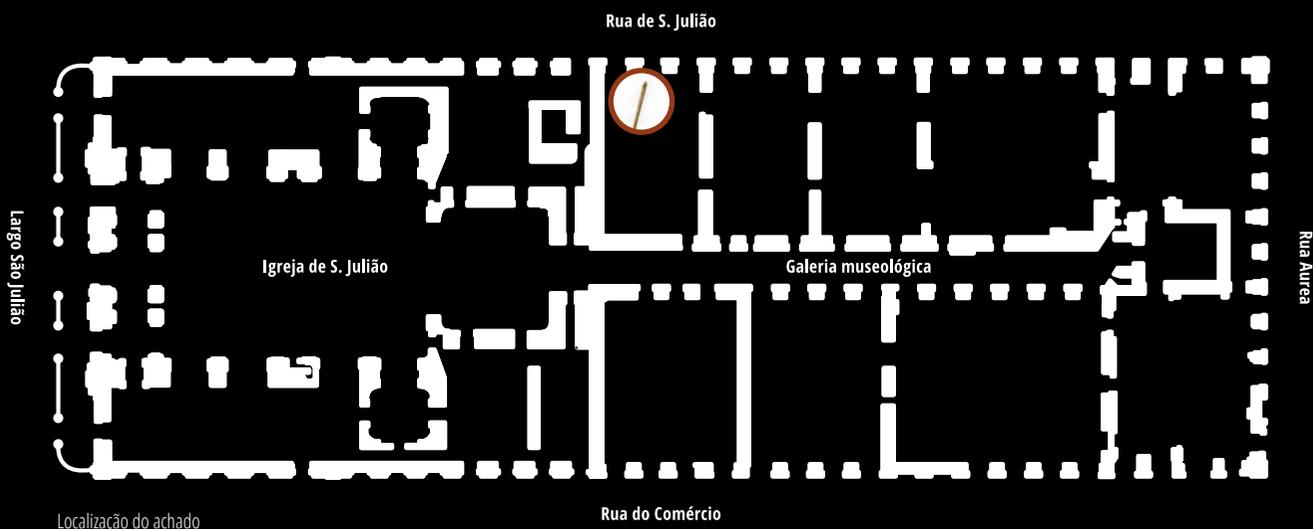
Existiam vários tipos de agulha diferenciáveis pelo tipo de cabeça, pela secção e pela forma e número das perfurações, que, nos casos em que surgem duas ou mais, são tidos como prova da utilização simultânea de fios diferentes.

No caso do exemplar encontrado nas escavações arqueológicas, a perfuração surge com a forma aproximada de um oito, sendo típica desta época e com diversos paralelos tanto na Lusitânia como no restante Império romano. A sua funcionalidade não se encontra totalmente esclarecida, pois pode tratar-se da união de duas perfurações distintas após o desgaste provocado pelo uso ou, sendo intencional, estar relacionado com a passagem de diversos fios por vezes como cores diferentes. Considerando o comprimento médio desta categoria, entre 6,5 a 14,5 centímetros, o seu emprego na confeção de malhas ou na execução de penteados, unindo várias tranças, pode ser colocado como hipótese.



Desenho arqueológico | © Artur Rocha





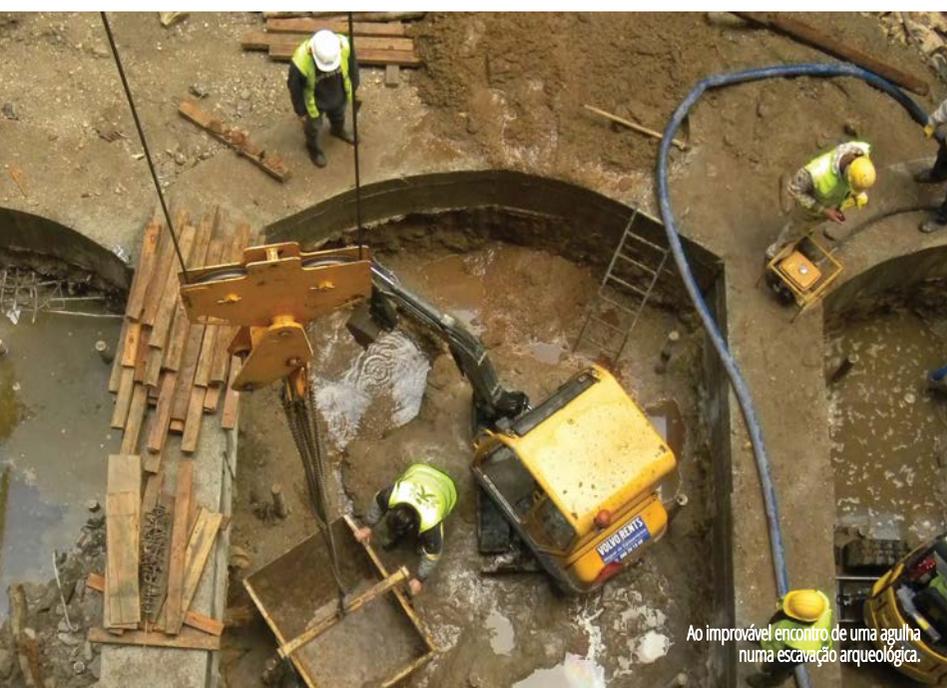
^ O achado

A agulha foi recolhida nos níveis de aluvião do rio Tejo identificados na parte central do quarteirão do Edifício Sede do Banco de Portugal, junto ao limite com a Rua de São Julião, perto dos 5 metros de profundidade. As camadas, de época Romana Imperial, foram depositadas na sua maior parte entre os séculos I e IV d. C.

Esta peça apresenta a particularidade de ter sido descoberta em momentos distintos em dois pontos com alguns metros de distância, pois encontrava-se partida. Considerando que a escavação contabilizou várias centenas de metros cúbicos e que o tipo de contexto (fundo de rio dinâmico) são grandes obstáculos estatísticos à recolha de fragmentos distintos da mesma peça, o facto de esta agulha ser uma das poucas peças com colagem é um episódio realmente improvável.

✓ Outras informações

Em Portugal conhecem-se paralelos para estas agulhas em contextos urbanos como Conímbriga ou rurais como na *villae* de São Cucufate (Vidigueira) ou em necrópoles como na sepultura de *Galla* em Tróia. O espólio funerário desta última contava com três objetos muito idênticos ao da escavação arqueológica do Edifício Sede do Banco de Portugal, reforçando ali a associação entre os *acus*, tanto agulhas com alfinetes de cabelo, e o universo feminino em época romana.



Ao improvável encontro de uma agulha numa escavação arqueológica.



Um outro tipo de *acus*, o *cristalis*.
 RICH, A; CHÉRUEL, A. (1873) – *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques. Accompagné de 2000 gravures d'après l'antique représentant tous les objets de divers usages d'art et d'industrie des Grecs et des Romains.* Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie, p.10